

## Uma Análise Em Redes da Rede Nacional De Combate À Desinformação<sup>1</sup>

Elisa LACERDA<sup>2</sup>

Edgard REBOUÇAS<sup>3</sup>

Mirna TONUS<sup>4</sup>

Thais Ferreira RODRIGUES<sup>5</sup>

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

### RESUMO

O presente artigo<sup>6</sup> busca fazer uma análise em rede do funcionamento da Rede Nacional de Combate à Desinformação (RNCD) por meio da análise de conteúdo e relacional feita com a exposição de seus parceiros e categorias de trabalho. Inicialmente se discute qual o contexto histórico que leva à construção e articulação de uma rede digital para o combate a esse fenômeno. Posteriormente o grafo construído a partir da relação de parceiros da RNCD é apresentado, seguido da análise do grafo feito com o levantamento de reciprocidade nessa relação medido pela menção à RNCD por seus parceiros. Esse levantamento compõe parte de uma pesquisa de mestrado em andamento, que se encontra em fase exploratória, e visa analisar o funcionamento dessa rede. Por fim, outros exemplos de movimentos em rede são trazidos para fim de comparação e possibilidade de fortalecer as ações da RNCD.

**PALAVRAS-CHAVE:** desinformação; análise em rede; RNCD; comunicação.

### INTRODUÇÃO

A formação da Rede Nacional de Combate à Desinformação (RNCD), além de ser necessária, chama a atenção pela forma como se apresenta: uma rede digital. Sendo

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP de Comunicação, Mídias e Liberdade de Expressão, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo (PósCom-Ufes) e pesquisadora do Observatório da Mídia: direitos humanos, políticas, sistemas e transparência, e-mail: elisalacerdas@gmail.com

<sup>3</sup> Orientador da pesquisa. Professor no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo (PósCom-Ufes) e coordenador do Observatório da Mídia: direitos humanos, políticas, sistemas e transparência., e-mail: edgard.reboucas@ufes.br

<sup>4</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), e-mail: mirnatonus@gmail.com

<sup>5</sup> Orientadora do trabalho. Doutora em Ciência Política pela Universidade Federal Fluminense, e-mail: thaisferreira@id.uff.br

<sup>6</sup> Esse artigo foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes).

---

assim, o percurso metodológico natural para análise dessas características, a análise do funcionamento da RNCD é uma análise em rede.

Inicialmente, discute-se o contexto que leva a construção de uma rede que articule o combate à desinformação e traz o exemplo de como a crise sanitária enfrentada mundialmente demonstrou a importância do combate à desinformação com o cenário chamado pela Organização das Nações Unidas de infodemia, o fluxo crescente de informações fazendo com que o conteúdo científico e verificado se perdesse. Para completar essa discussão debate-se mutações digitais e suas consequências, assim como, conceitua-se desinformação.

Em seguida, traz a análise de rede da RNCD baseada na proposta metodológica de Silva e Stabile (2016) para a análise de rede em mídias sociais digitais e, na sugerida por Recuero (2018), sobre o estudo do discurso em mídia social. A apresentação estrutural se dará por meio de grafos, inicialmente observando a relação RNCD x Parceiros, e em um segundo momento, analisando a reciprocidade nessa relação com a menção dessa parceria por tais instituições.

A partir da exposição de grafos, o estudo demonstrará como a amplitude do conteúdo científico e verificado pode se estender de forma capilarizada. Depois, analisa se essas conexões estão realmente se concretizando para que o conteúdo circule. A busca foi pela reciprocidade na relação dos parceiros em relação à RNCD, algo almejado nas relações em rede.

Por fim, é feita uma análise em rede da Marcha Mundial de Mulheres com o intuito de demonstrar as semelhanças e diferenças encontradas na constituição de redes. Observa-se que a articulação visa a capilaridade do trabalho para que se consiga disputar espaço e poder com o que se pretende combater. Os atores sociais dessa rede são fundamentais e conclui-se que, apesar da análise desenvolvida ter partido de uma rede egocentrada na RNCD, a relação entre eles também movimenta essa relação.

### **Por que uma rede para combater desinformação?**

O ano de 2020 foi marcado pela chegada da Covid-19 e seus danos em escala mundial. Porém, como ressalta o jornalista André Biernath, no I Colóquio Internacional

---

sobre Desinformação<sup>7</sup>, a Organização das Nações Unidas (ONU) ainda em fevereiro de 2020, antes mesmo de definir a Covid-19 como uma pandemia, já havia divulgado um relatório no qual alertava como a profusão de informações, tanto verdadeiras como falsas, poderia prejudicar o combate à nova doença que ganhava dimensões internacionais. Esse fenômeno foi chamado pela ONU de “infodemia”.

O alerta feito para a infodemia era que a produção em massa de informações tornaria mais difícil a compreensão de quais fontes eram confiáveis ou não. A solução apontada no relatório passava por refutar informações falsas com as verdadeiras, porém esse ponto esbarra no mesmo que já haviam mapeado: grande fluxo de conteúdo que faria os verificados, portanto importantes, se perderem.

As consequências dessa massificação já eram observadas nas campanhas eleitorais ocorridas na última década, já que a disputa de narrativas com conteúdos intencionalmente falsos nas plataformas digitais virou um negócio lucrativo.

Para Castells (1999), o processo de digitalização dos mais diversos tipos de informação que proporciona a ela um maior alcance, interatividade e possibilidade de integração, proporcionará o fim da audiência massiva e a comunicação passará a ser mediada pelo computador. O autor analisou ainda que a diferença do que chama de revolução tecnológica do passado para a atual é a que a informação é moldada pelas tecnologias.

O impacto que a internet causou na difusão de informações é algo que vem sendo investigado e pensado por muitos pesquisadores. A jornalista e professora da Universidade Federal de Pelotas, Raquel Recuero, é uma das pesquisadoras que debate esse assunto e traz em sua abordagem que as redes sociais existem na internet e fora dela. Dessa forma, consegue enfatizar que o que se tem na comunicação mediada pelo computador é a complexificação dos laços sociais e não sua criação. Essa complexificação de redes sociais na internet é perpassada por novas ferramentas de comunicação mediadas pelo computador e novos fluxos de informação que surgiram. Para Recuero (2007), a difusão de conteúdo acontece de forma quase epidêmica e alcança grandes proporções tanto online quanto offline.

Dinâmicas sociais que envolvem informação intencionalmente falsas, portanto, não são recentes, elas surgem junto com as relações de poder, o que se vê agora é a

---

<sup>7</sup> Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=cY9rXAv4gTo&t=3352s>> acessado em 30/06/2022

---

amplificação do fenômeno da desinformação. Seu surgimento é apontado na história junto ao surgimento da informação, ambas estruturam em interação direta o fenômeno da comunicação, como explica a professora Ana Regina Rêgo, da Universidade Federal do Piauí, idealizadora da Rede Nacional de Combate à Desinformação e uma das autoras do livro “A construção intencional da ignorância: o mercado das informações falsas”. Ainda de acordo com ela, não se trata de um conceito, mas de um fenômeno social que, mascarado de informação, é aceito pelos aparatos de receptividade da informação na sociedade.

Uma das líderes do projeto *First Draft News*<sup>8</sup>, Claire Wardle, juntamente com Hossein Derakhshan, pesquisador iraniano que ficou preso por seis anos por causa do conteúdo que produzia para internet, focados atualmente na teoria e implicações sociopolíticas das mídias digitais e sociais, diferenciam os conceitos de *disinformation*, *misinformation* e *mal-information* em seu relatório “*Informatio Disorder: Toward na interdisciplinary framework for research and policy making*”. O relatório gerado a partir do estudo sobre a desordem da informação define *disinformation* como a informação falsa espalhada de forma deliberada e consciente, a *misinformation* como a informação falsa que é transmitida sem intenção, e a *mal-information* que são informações verdadeiras tiradas de contexto e se tornam desinformação. Portanto, a desinformação intencional quer disputar uma narrativa, e isso significa disputar o sentido das histórias e concepções.

Porém, para Rêgo (2021), as tentativas de conceituação dos componentes do que Wardle e Derakhshan (2017) chamam de “desordem informacional” entre: *disinformation*, *misinformation* e *mal-information*, se demonstram ainda insuficientes. A morfologia desse fenômeno é mutante, complexa e apresenta cada vez mais narrativas híbridas, indo além da criação de narrativas ficcionais e mesclando fatos descontextualizados nesse enredo.

O uso de técnicas para que alguma ideologia seja transmitida de maneira que pareça natural e sem intenção alguma perpassa a propaganda, a política e também a desinformação, o que indica que a base teórica dessa discussão sobre produção de sentido abarca outros conceitos amplamente debatidos.

---

<sup>8</sup> [1] Projeto que reuniu redes sociais e mais de 40 plataformas digitais de jornalismo e checagem para estudar o combate de notícias falsas. Disponível em < <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2017/01/16/first-draft-2017/>> Acessado em 20/03/2022.

---

Posetti e Bontcheva (2021) enxergam que a desinformação vista recentemente é motivada pela busca de lucro, vantagem política, tentativa de minar a confiança, transferir a culpa, polarizar as pessoas e prejudicar as respostas à pandemia. Elas classificaram os tipos de respostas que encontraram a esse fenômeno, entre eles: monitoramento, verificação de fatos, investigação, legislativas, políticas, campanhas nacionais e internacionais de combate à desinformação, curatoriais, técnicas e algorítmicas, econômicas, éticas, normativas, educativas e esforços de empoderamento e credibilidade.

Sendo a desinformação um fenômeno que gera prejuízos e riscos sociais, os esforços estão voltados para formas de combatê-lo. O trabalho da Rede Nacional de Desinformação (RNCD)<sup>9</sup> é um desses esforços e engloba a maioria das respostas classificadas citadas acima. Dessa forma, o artigo é finalizado refletindo sobre caminhos para aumentar a capilaridade desta rede e o desafio eleitoral de 2022 que demonstrará na prática quais conexões estão funcionando.

### **Rede Nacional de Combate à Desinformação (RNCD)**

A ideia da Rede Nacional de Combate à Desinformação (RNCD) nasceu durante a pesquisa realizada pela professora Ana Regina Rêgo em seu estágio de pós-doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 2019, após inquietações geradas pela potencialização das narrativas desinformacionais nos campos da saúde e da política. Os resultados dessa pesquisa deram origem ao livro “A construção intencional da ignorância” e apontaram para o fato de que era necessária uma reação em cadeia ao fenômeno da desinformação no Brasil, como explica Rêgo (2021) na entrevista concedida ao professor Rogério Christofolletti.

A visão sobre a desinformação dada por Rêgo (2021) não é a de conceito, mas de fenômeno social que está interligada ao fenômeno da informação, se localizando como seu outro lado, e que tem sucesso quando se passa por informação. A professora compreende a importância que alguns pensadores do tema dão à utilização do termo *fake news*, porém defende que ela seja parte desse fenômeno.

Durante a pandemia, ao ser apresentada ao Projeto Mandacaru, que abriga voluntários de diversas áreas do conhecimento científico, vinculado ao Comitê Nordeste

---

<sup>9</sup> Disponível em <<https://mcd.org/>> Acessado em 20/03/2022.

---

de Combate à Covid, e após isso, foi ampliada na busca de iniciativas e projetos pelo Brasil. Inicialmente, foram se agregando à iniciativa alguns grupos de pesquisa e observatórios de mídia vinculados a universidades públicas.

Ao longo dos meses de julho, agosto e setembro de 2020 essas parcerias foram se solidificando por meio de reuniões online com o intercâmbio de conteúdos, até a materialização da rede na forma digital, com a aglutinação de tais iniciativas em um portal criado especificamente para a RNCD. No lançamento, em 24 de setembro de 2020, 31 parceiros compunham a rede, atualmente – até a data de finalização deste artigo, em julho de 2022 – já são 149 parceiros, divididos em 24 categorias de trabalho. Em seu site apresenta o link com o trabalho de todos eles. Além disso, os princípios, conteúdo de *fact checking*, *clipping* e seu contato também estão disponíveis.

O termo “rede” aparece neste artigo quando se fala de relações sociais, informação, desinformação e tecnologias. A desinformação é composta em rede por todos esses fenômenos, e o combate a ela feito é também nessa estrutura, que representa uma visão sistêmica já defendida anteriormente neste trabalho.

### **Análise em rede da RNCD**

A conceituação de redes sociais permeia o artigo de Silva e Stabile (2016) que analisa redes em mídias digitais. Isso para que se compreenda que, antes de se formarem no online, essa é uma dinâmica social também presente no offline. Citam uma definição de Passmore (2011) que enxerga a rede social com uma estrutura composta de indivíduos (ou organizações) chamados de nós, que são ligados (conectados) por um ou mais tipos de interdependência. Dessa forma, a análise estrutural de redes sociais pode se dar através de um mapeamento de dados relacionais de diversos tipos de relações. Parte-se sempre da observação de como os nós se relacionam, observando suas conexões em tipo, intensidade e direção.

A representação em grafo, escolhida para visualização da relação entre a Rede Nacional de Combate à Desinformação (RNCD) e seus parceiros, se dá através de “um conjunto de objetos, chamados nós, com certos pares destes objetos conectados por ligações chamadas arestas” (EASLEY; KLEINBERG, 2009, p.31, apud SILVA; STABILE, 2016, p. 238).

---

Como já dito, os laços variam de acordo com o foco da pesquisa, podendo ser: relações sociais, interações e similaridade. Inicialmente o objetivo da análise foi de observar como a RNCD é formada em uma construção de grafo observando sua relação com parceiros. No segundo momento a intenção foi de analisar, por meio das interações, se essa rede estava integrada tendo referências da parte dos parceiros. Sendo assim, o primeiro momento foi voltado para o chamado grau de saída (Out Degree), observando a quantidade de conexões enviadas pela RNCD, e a segunda parte o grau de entrada (In Degree) foi analisado com a quantidade de conexões que foram recíprocas à RNCD.

O mapeamento construído se deu por uma rede egocentrada, sendo seu nó central a Rede Nacional de Combate à Desinformação. O levantamento dos dados ocorreu entre os dias 26 de maio de 2022 e 2 de junho de 2022. As etapas foram: a) levantamento das categorias e parceiros no site da RNCD, b) construção de grafo no Gephi de como a rede é exposta, c) levantamento dos parceiros que mencionam essa parceria e d) construção do grafo no Gephi explicitando a reciprocidade nessa relação.

### **Relação RNCD x parceiros**

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas para se estudar textos, imagens e diversos tipos de dados, que busca sistematizar e os categorizar por similaridade e dissimilaridade, como explica Recuero (2018). Ela apresenta uma proposta feita por Bardin (2004) que define três etapas para esse método: Pré-análise e exploração, Codificação e Categorização.

A primeira etapa da análise de conteúdo proposta sobre a Rede de Combate à Desinformação (RNCD) foi em seu site<sup>10</sup>, a segunda foi a coleta de dados focada em seus parceiros e a terceira etapa foi adiantada, pois a própria RNCD já os categoriza de acordo com o trabalho que desenvolvem.

De acordo com Recuero (2018), a análise de redes sociais (ARS) deriva-se da Teoria dos grafos e da Sociometria, e tem como objetivo analisar uma estrutura de rede e compreender como a posição dos nós e a estrutura das conexões influencia os fenômenos. A análise de redes se estrutura no estudo de nós e suas conexões ou arestas. Os nós aqui serão: a RNCD, seus parceiros e as categorias em que foram divididos. A escolha foi pela

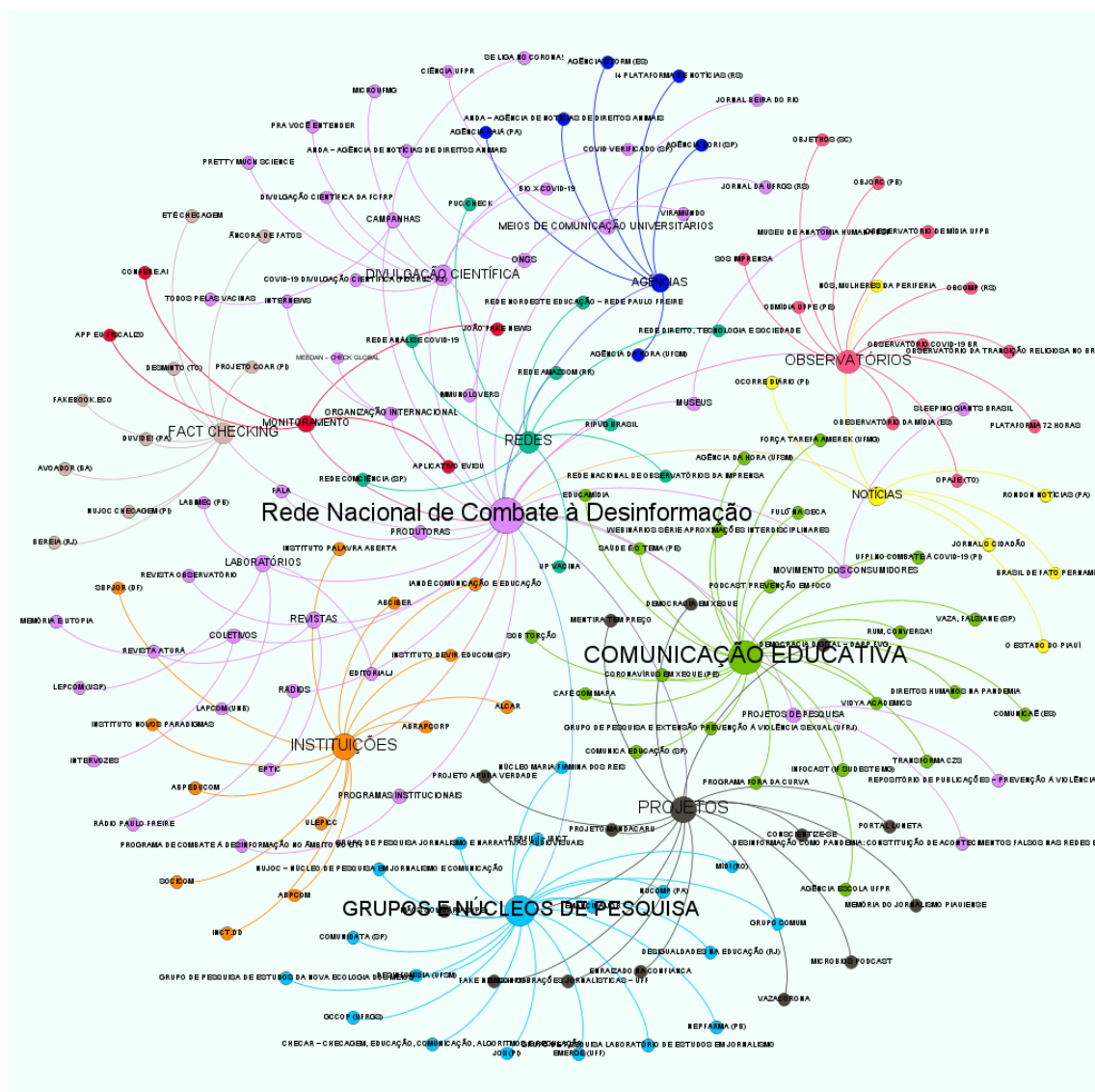
---

<sup>10</sup> <https://rncd.org/>

construção de uma rede ego centralizada na RNCD, isso porque ela é o ponto de conexão entre todos os outros nós.

A RNCD era composta, no período da coleta dos dados, por 145 parceiros, divididos em 24 categorias. Ligados ao centro do grafo é possível observar as categorias e, ligadas a elas, os parceiros. Quanto maior o número de conexões, ou parceiros, maior o nó de categorias.

**Grafo 1** – Rede Nacional de Combate à Desinformação





---

O grafo indica através do tamanho dos nós, variando de acordo com a densidade de conexões deles, que as categorias com mais parceiros são: Comunicação Educativa (22), Grupos e Núcleos de Pesquisa (18), Projetos (14), Instituições (13) e Observatórios (11).

Como o objetivo da rede é de articular trabalhos de combate à desinformação já existentes e não a criação, o que acontece visualmente é que os nós das pontas do grafo produzem conteúdo, ele por sua vez vai para o centro e é distribuído novamente para as pontas.

Como já dito, um grande desafio mapeado é que o conteúdo científico e verificado consiga maior espaço que o intencionalmente falso. Percebe-se então que uma estratégia estabelecida pela RNCD para enfrentar a infodemia é a busca por uma estrutura capilar que reproduza e espalhe informações seguras já produzidas. O objetivo é a formação de uma rede articuladora e não necessariamente produtora de mais conteúdo.

Pelo papel central que a capilaridade ocupa nesse processo, a segunda parte desse levantamento de dados focou em observar o engajamento dos parceiros em relação à RNCD.

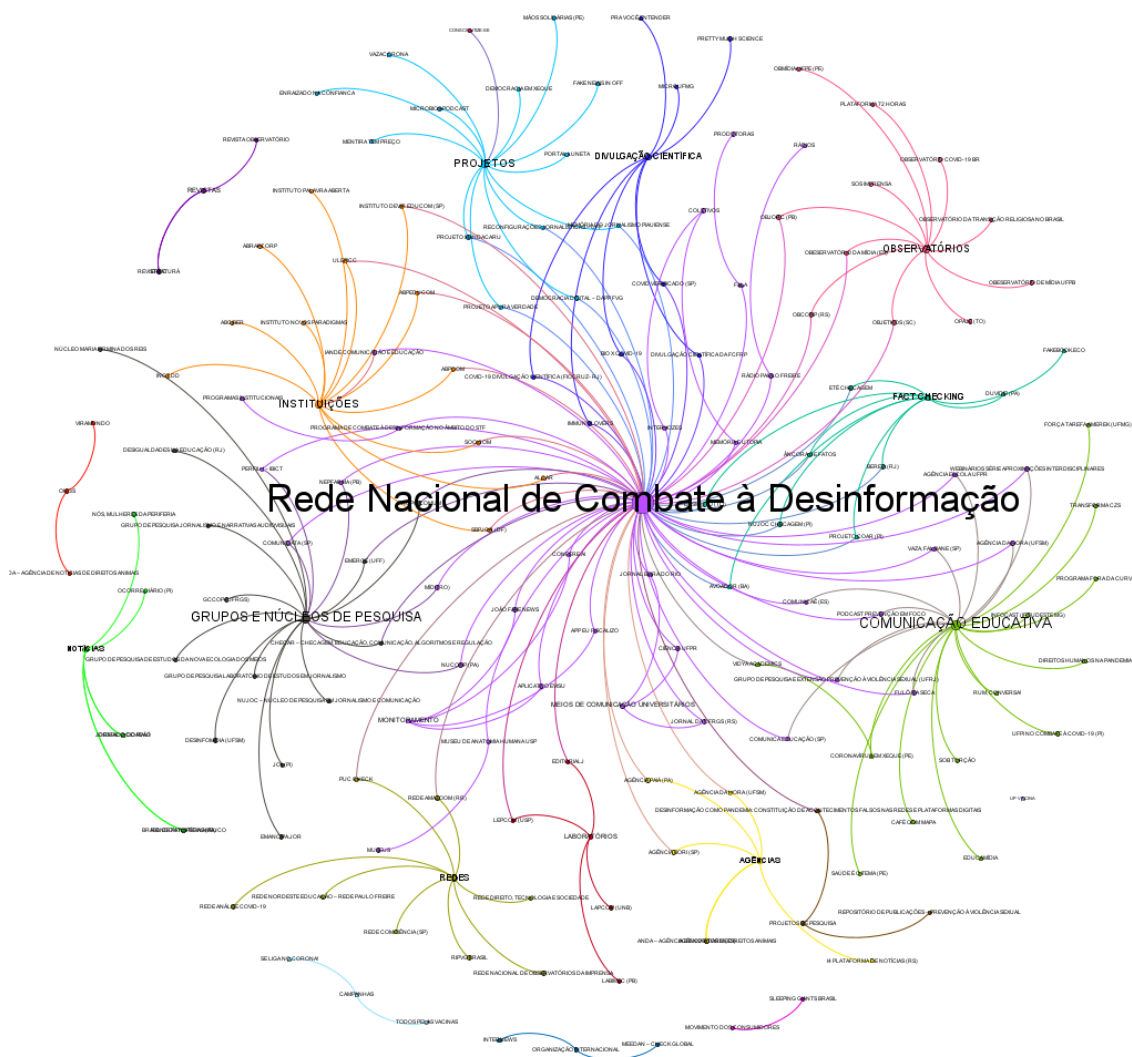
### **Relação parceiros x RNCD**

A análise de conteúdo proposta é a das relações. Visa ir além do levantamento de dados e seus elementos e quer observar de forma relacional o que foi sistematizado. A análise de proximidade será utilizada para analisar coocorrência de menções dos parceiros à RNCD em suas redes sociais digitais.

O critério usado para avaliar o engajamento da RNCD foi o de menções a essa parceria, a busca se deu através dos links disponíveis em seu site quando cita seus parceiros.

Apesar da análise de rede continuar egocentrada e com a RNCD ao centro, a formação do grafo se dá de forma diferente em relação ao primeiro apresentado. Desta vez, temos nas pontas os nós que não estão em conexão com o centro, após eles os nós de categorias, fazendo a mediana entre nós não engajados e os engajados, que por sua vez estão diretamente conectados ao centro.

**Grafo 2 – Parceiros conectados à RNCD**



O grafo demonstra, pelo tamanho dos nós, a densidade das conexões existentes nessa rede, os maiores nós se referem: à RNCD e as categorias com maior número de parceiros. Porém fica nítida a diferença de tamanho porque agora os nós de categoria não estão mais concentrando os parceiros ligando-os ao centro. Tem-se agora ele no meio, entre os parceiros que mencionam a RNCD em suas redes, e os que não mencionam. Com isso o nó central ficou maior que no primeiro grafo apresentado. Ainda fica visualmente possível observar quais são as categorias com mais parceiros que engajam. São elas: Comunicação Educativa (10), Grupos e Núcleos de Pesquisa (8), Instituições (8), *Fact Checking* (7) e Projetos (5).

---

Fica nítido ao observar nas extremidades do grafo que algumas categorias estão totalmente desconectadas de acordo com o critério estabelecido neste levantamento. As categorias que não têm nenhum parceiro sendo recíproco nessa relação são: Notícias, Movimento de Consumidores, Revistas, Campanhas, ONGS e Organização Internacional.

Ao pensar que apenas os parceiros entre o nó RNCD e os nós de categorias estão sendo recíprocos e engajando essa rede, percebe-se como o raio dela é menor do que o esperado. Sua capilaridade se torna reduzida ao se observar até onde as arestas citadas chegam.

Os dados levantados indicam que o número de parceiros que mencionam a parceria com a RNCD em suas redes é de 46,89%, quando se trata da observação das categorias, tem-se o total de 75% delas engajadas. As que se destacam com 100% dos parceiros sendo recíprocos nessa relação são: Monitoramento, Coletivos, Museus, Meios de Comunicação Universitários, Rádios, Programas Institucionais e Produtoras.

### **Potencial da Rede**

Uma pesquisa feita por Siqueira (2016), com título de “Feminismo em rede no século XXI: articulações da Marcha Mundial das Mulheres no Brasil”, teve como objetivo investigar as conexões da Marcha Mundial de Mulheres (MMM). Sua hipótese é de que a MMM Brasil cumpre uma função articuladora, no interior de uma rede de conexões de projetos políticos a nível global, os dados levantados foram ilustrados por meio de grafos no Gelphi<sup>11</sup>. Essa articulação é vista como uma possibilidade de troca local e global, empoderando entidades conectadas das teses feministas.

A Marcha Mundial de Mulheres (MMM)<sup>12</sup> foi inspirada em uma manifestação que ocorreu em 1995, em Quebec, no Canadá, com o pedido simbólico de "Pão e Rosas", com 850 mulheres marchando por 200 quilômetros. Na ocasião conquistaram alguns direitos, entre eles: o aumento do salário mínimo, mais direitos para mulheres imigrantes e apoio à economia solidária. Depois disso, as mulheres do Quebec buscaram organizações em vários países para compartilhar essa experiência e propor uma campanha global de mulheres.

---

<sup>11</sup> Pacote de software em dados abertos para visualização e a análise de redes.

<sup>12</sup> Disponível em <<https://www.marchamundialdasmulheres.org.br/>> Acessado em 14/07/2022.

---

O Brasil foi o primeiro contactado, buscaram as mulheres da Central Única das Trabalhadoras e Trabalhadores (CUT), se reuniram para discutir propostas e definir as representantes do país no primeiro encontro internacional da MMM, que ocorreu em 1998 em Quebec. Naquele momento foi elaborada uma plataforma com 17 reivindicações para eliminação da pobreza e da violência contra as mulheres, 145 mulheres e 65 países estavam presentes, gerando uma convocação para a Marcha Mundial de Mulheres como um desafio a ser desenvolvido no ano de 2000.

Com largo alcance, a construção da MMM em 2000, mobilizou milhares de grupos de mulheres de mais de 150 países e territórios, em atividades de educação popular e manifestações públicas de apoio às 17 reivindicações mundiais. As mobilizações resultaram em um grande ato no dia 17 de outubro pela erradicação da pobreza com marchas simultâneas em 40 países, e atos em frente à sede do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional, em Washington, no Estados Unidos.

Após a segunda MMM, instituíram o movimento como permanente, o que fez com que um método de definição de consensos e uma forma de atuação visando a construção permanente de relações entre o local, o nacional e o internacional. As ações internacionais ocorrem a cada cinco anos e fazem as sínteses políticas da plataforma MMM. O movimento articula de forma crescente e convergente, como descreve em seu site, com outras organizações e movimentos sociais. A construção de alianças é um de seus princípios de seu funcionamento enquanto auto-organização, a agenda vai aumentando a cada nova parceria, fortalecendo organizações e contribuindo com as elaborações entre elas.

O Primeiro encontro da MMM Brasil aconteceu em 2006, em Belo Horizonte, reunindo 500 mulheres. A programação do evento contou com uma agenda de formação política, debates estratégicos e intercâmbios de práticas feministas. Seu objetivo foi fortalecer a auto-organização das militantes brasileiras e preparar para o desafio de assumir a tarefa de coordenar o Secretariado Internacional da Marcha, que se mudaria de Quebec para o solo brasileiro.

Atualmente a MMM Brasil está em 20 estados brasileiros, é organizada em núcleos e comitês, nas cidades e estados. Mulheres organizadas em grupos com identidade políticas ou sem grupo podem participar. Os comitês estaduais indicam representantes para participar das reuniões nacionais, e o uma coordenação executiva fica responsável

---

pelo seguimento das tarefas e processos. Quatro campos de ação são apresentados no site: autonomia econômica das mulheres, bem comum e serviços públicos, paz e desmoralização, e fim da violência contra as mulheres.

Esse estudo de uma rede de conexões chama atenção por se tratar de um movimento fundado em 1995, influenciado pela globalização do mercado capitalista e também pela globalização dos problemas sociais, políticos e ambientais que esse modelo produtivo gera. Isso mostra que apesar do objeto de estudo deste artigo ser digital, as conexões em rede não são novidade, mas tomam proporção pela informatização da comunicação e do uso da internet cotidianamente, sendo sua presença no digital uma reprodução de dinâmicas sociais já existentes.

Siqueira (2016) avalia que as redes hipoteticamente geram um fluxo mais capilarizado das feministas aos espaços políticos, dando maior visibilidade para as demandas das mulheres, o que permite que seu discurso seja mais permeável. A pluralidade de projeto reunidos em uma rede favorece a vocalização do movimento do qual faz parte, tem um efeito de pulverização em diferentes instâncias da sociedade civil e do Estado, no caso dos movimentos feministas, gerando maior debate público a respeito das condições das mulheres em várias esferas sociais.

O indicador usado para observar se a MMM Brasil é uma articuladora de movimentos foi sua relação com as entidades que a compõem, constrói e multiplica. Expressou-se essa teia por entre nós e arestas no software Gephi, assim como neste artigo. A hipótese levantada foi comprada ao fim, quando se percebeu que a chegada da MMM Brasil reorganizou o campo dos feminismos, proporcionando uma rede de movimentos feministas interseccionados a outros projetos políticos convergentes, ainda que plurais.

Hipoteticamente defendemos que a rede de movimentos sociais promove um trânsito entre atores e atrizes que representam distintos interesses, opiniões e perspectivas, unificados por um denominador comum que, a nosso entender, advém do plano político-ideológico. De acordo com Scherer-Warren, as redes de movimentos sociais representam "um avanço no plano do reconhecimento intersujeitos e interorganizacional, criando um potencial de democratização no âmbito das relações sociais e políticas. (Scherer-Warren, 2008, p.06 apud SIQUEIRA, 2016, p.42)

Apesar de a RNCD ter sido analisada como uma rede egocentrada, essa reflexão mostra que a relação entre os próprios parceiros também tem que ser levada em conta. Esse também é um potencializador de redes sociais digitais. A articulação de pluralidades

---

de posições e trabalhos ao redor de um denominador comum se dá também em relações cruzadas nessa rede e com personagens que estão fora do mapeamento.

Sendo assim, a histórica busca por articulação em rede continua fazendo sentido por ser uma forma de canalização de vozes e contestações. Conectar e articular projetos que possuem objetivos em comum é algo importante para o fortalecimento do tema e a expansão dos trabalhos e diálogo, a capilaridade vai se construindo através dessas relações.

## **Conclusão**

A desinformação se apresenta como um fenômeno social sem data para terminar, muito pelo contrário, ao se apropriar dos meios de comunicação digitais tem ganhado cada vez mais amplitude, portanto, uma rede que articule o combate à desinformação se mostra necessária.

A potencialidade esperada pela capilaridade que uma rede pode oferecer depende de seus nós, por isso a busca por analisar como ocorre a relação entre a RNCD e seus parceiros. Os dados levantados mostram que ainda há grande parte da rede que não está engajada nesse movimento e é importante que se entenda o motivo.

Apesar das relações terem sido analisadas de forma direcional RNCD >>> Parceiros e posteriormente Parceiros >>> RNCD, conclui-se também ao ter contato com a pesquisa citada acima sobre redes feministas que essas relações são unidirecionais e também passam por Parceiro >>> Parceiro. Essas relações não foram mapeadas para a construção deste artigo mas merecem menção, já que fazem parte desta articulação central e da capilarização da rede.

Sabe-se que as eleições presidenciais de 2022 estão sendo um grande desafio aos que combatem a informação intencionalmente falsa. A RNCD já fechou parceria com o Supremo Tribunal Federal (STF) em seu Programa de Combate à Desinformação e articula estratégias parceiras para que possa haver uma defesa da democracia e do direito à informação checada e científica.

Desse modo, há muito que se observar nessa rede ainda, assim como, a oportunidade, aos parceiros que não estão engajando essa relação, somarem ao potencial capilarizador dessa relação e de novos surgirem.

## Referências

BONCHEVA, Kalina; POSETTI, Julie. **Infodemia: a desinformação e a alfabetização midiática no contexto da Covid-19**. In: Panorama Setorial da Internet, n.13, Setembro 2021, ano 13.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ana Regina Rêgo: uma rede para combater desinformação**. *Revista Mídia e Cotidiano*, vol. 15, nº 3, Setembro/Dezembro de 2021.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet, Difusão de Informação e Jornalismo: Elementos para discussão**. In: SOSTER, Demétrio de Azeredo; FIRMINO, Fernando.. (Org.). *Metamorfoses jornalísticas 2: a reconfiguração da forma*. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2009, v. , p. 1-269.

RECUERO, Raquel. A conversação como apropriação na comunicação mediada pelo computador. In: BUTONI, Dulcilia Schroeder; CHIACHIRI, Roberto. (Org.).

RÊGO, Ana Regina. **A construção intencional da ignorância na contemporaneidade e o trabalho em rede para combater a desinformação**. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, vol. 15, nº 1, março de 2021, doi:10.29397/reciis.v15i1.2293.

SILVA, Tarcizio; STABILE, Max. *Monitoramento e pesquisa em mídias sociais: metodologias, aplicações e inovações*. São Paulo: Uva Limão, 2016.

SIQUEIRA, Lucineli Pikcius Bezerra de. **Feminismo em rede no século XXI: Articulações da Marcha Mundial das Mulheres no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná. Paraná, 2016.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information Disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making**. Council of Europe Report, 2017. E-book. Disponível em: <https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-researc/168076277c>. Acessado em: 07/11/2021